

O caminho sinodal como ato profético da Igreja

Anderson Batista Monteiro ¹

Resumo: Neste artigo queremos identificar a sinodalidade como ato profético que tem sua origem na experiência comunitária dos profetas de Israel e no ministério público de Jesus. A Igreja, como sinal da presença de Deus no mundo e sacramento de unidade para a salvação de todos os povos, deve agir a partir da escuta da Palavra e junto do povo a caminho. Como ato profético da comunhão eclesial, o caminho sinodal deve ser a expressão concreta da comunhão do povo de Deus. Como uma comunidade profética que caminha junto, através da escuta comum da Palavra e da participação na missão evangelizadora de Cristo.

Palavras-chave: sinodalidade. Ato profético. Sacramento. Comunhão. Igreja.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, com o título “o caminho sinodal como ato profético da Igreja”, queremos abordar a natureza profética da sinodalidade da Igreja, a partir das ações simbólicas dos profetas de Israel e de Jesus. Papa Francisco, desde o início de seu pontificado, tem orientado toda a Igreja a viver o caminho sinodal como uma autêntica expressão do ser Igreja. Nesse sentido, notamos as semelhanças deste processo eclesial como um autêntico ato profético.

Da mesma forma que a teologia tem se debruçado sobre a natureza sinodal da Igreja e suas consequências para a práxis pastoral, a teologia bíblica tem avançado significativamente no estudo das ações simbólicas. No entanto, cabe ainda aprofundar os atos proféticos dos profetas de Israel e de Jesus a partir do ponto de vista dogmático, nesta pesquisa de modo mais específico, a partir da teologia pastoral e da eclesiologia. Quanto mais nos aprofundarmos no profetismo bíblico, melhor viveremos a nossa vocação profética na Igreja nos dias de hoje.

1 O QUE É UM ATO PROFÉTICO

Na Sagrada Escritura, as ações simbólicas são apresentadas sob o termo “sinal”, *’ôt* no hebraico e *semeïon* no grego. Esta expressão aparece por cerca de oitenta vezes no Antigo Testamento e setenta vezes no Novo Testamento (RENGSTORE, K., p. 38, 90) e quer indicar que Deus está presente e age constantemente no meio do seu povo. Os sinais bíblicos já são relatados no Pentateuco, contudo nos livros proféticos, os *’ôt* ou *semeïon* assumem um lugar de destaque na Escritura. Por meio desses sinais, a profecia bíblica apresenta a livre iniciativa de Deus de se comunicar com os homens, por meio de visões e palavras.

1 Doutor em Teologia Sistemático-Pastoral pela PUC-Rio. Contato: andersonbatista2207@gmail.com

Nas ações simbólicas “é o próprio Javé que age por intermédio dos profetas” (VON RAD, 2006, p. 531). Essas ações estranhas e incompreensíveis são sinais concretos da ação de Deus que querem transmitir a mensagem profética. Um destes atos, foi realizado pelo profeta Isaías ao caminhar descalço e nu durante três anos como um sinal de que o Egito e Cuch (Etiópia) cairiam diante da Assíria e muitos deles seriam levados nus, como prisioneiros (Is 20,1-4). Com este ato, o profeta realiza um grande impacto nas pessoas, chama a atenção de todos, testemunhando com seus próprios atos, as consequências da insensatez do povo de Judá em confiar na ajuda do Egito (COLLINS, 2008, p. 24).

Outro exemplo de ato profético está presente no livro do profeta Oseias. Em uma época de injustiça e corrupção por parte da monarquia de Israel, o povo rompe a aliança com YHWH e passa a adorar Baal, o deus dos cananeus. Para profetizar o amor misericordioso de Deus para com seu povo infiel, Deus manda Oseias se casar com uma mulher prostituta e os nomes dados aos seus filhos são um sinal que expressa a identidade dos filhos de Israel e as consequências de seus pecados: “Jezrael” (representa o fim da realeza), “Sem-piedade” (indica o fim da misericórdia) e “Não-meu-povo” (significa o fim da aliança) (Os 1-3). Com essa ação simbólica, o profeta provoca a conversão de Israel e suscita a justiça e o perdão diante do pecado e da infidelidade.

Apresentamos ainda um terceiro exemplo de ação simbólica do livro do profeta Jeremias. Em Jr 16,1-9, Jeremias é o próprio sinal; ele mesmo é o anúncio vivo da Palavra de Deus que chama o seu povo à conversão. O profeta teve de renunciar ao matrimônio e à família, e até mesmo de chorar nos funerais como sinal dos castigos que Judá e Jerusalém sofreriam por abandonar a aliança divina. Enquanto a renúncia ao matrimônio profetiza o fim da aliança entre Deus e seu povo, a ausência da lamentação durante o funeral era o sinal de que os dias da alegria do povo de Israel iriam desaparecer (SCHÖKEL; SICRE DIAZ, 1988, p. 509). O profeta vive as renúncias por amor a Deus, para denunciar a idolatria e exortar o povo diante do risco iminente da destruição do reino.

Os atos proféticos nos revelam o amor e a compaixão de Deus, que escolhe os profetas para falar com seu povo. Ele age com total liberdade, uma vez que chama a quem quer, como e quando quer. O Senhor não leva em conta a condição social, a profissão, o grau de cultura, a idade ou o sexo daquele que chama. É no cotidiano dos homens que o profeta é chamado para a missão de comunicar a mensagem divina e orientar seus irmãos no caminho da fé e da obediência ao Senhor. Segundo J. McKenzie,

A experiência profética é, portanto, essa experiência mística e direta da realidade da presença de Deus. Os profetas não fazem mais do que revelar a natureza e o caráter de Deus, de quem tiveram uma experiência, e afirmam as implicações da natureza e do caráter de Deus com o modo e o agir dos homens (MCKENZIE, 2017, p. 680).

Por sua vez, o ministério de Jesus, inúmeras vezes, recordava o modo de atuar dos profetas de Israel (ESPINEL, 1976, p. 19.). É ele o verdadeiro profeta, a Palavra do Pai, os

atos e palavras de Cristo resgataram a possibilidade de Deus se comunicar aos homens, perdida no desaparecimento dos profetas bíblicos. Jesus é o *óti* do Pai, o sinal de que Deus está presente no mundo, os seus gestos são atos de Deus e possuem a força divina de salvação (SCHILLEBEECKX, 1968, p. 20.) Assim, o batismo de Jesus no Jordão, o chamado dos doze apóstolos, as curas, milagres e exorcismos eram atos proféticos que anunciavam a chegada do Reino de Deus e antecipavam o cumprimento escatológico desse mesmo Reino.

O Reino de Deus é o centro de toda mensagem anunciada por Jesus. Todos os ensinamentos, exortações, gestos e ações de Cristo têm por objetivo revelar a ação de Deus para aquele tempo e para o tempo futuro. Em Jesus, Deus se aproxima do ser humano com amor e compaixão e o homem, por sua vez, é transformado.

Assim como a encarnação do Verbo de Deus estava toda ela voltada para a salvação da humanidade, assim também a Igreja de Cristo só se justifica enquanto está a serviço desta salvação ao longo da história humana. Toda a vida de Jesus com sua paixão, morte e ressurreição esteve a serviço do reino de Deus. Do mesmo modo tudo o que constitui a Igreja alcança sua razão de ser e seu sentido na medida em que leva a mensagem evangélica e a práxis cristã, para seus contemporâneos. A Igreja é deste modo uma realidade não voltada para si, mas para a sociedade na qual deve ser sal, luz e fermento” (MIRANDA, 2010, p. 43-44).

Com a morte e ressurreição de Cristo, os atos proféticos foram repetidos pela comunidade de discípulos. Sob o impulso do Espírito Santo, a Igreja nascente vivia o amor mútuo e a busca da justiça do Reino de Deus. Assim, os primeiros passos da Igreja testemunham a coragem profética dos cristãos em anunciar Jesus Cristo e o seu evangelho. Este anúncio era realizado tanto por palavras, como por atos que recordavam os gestos de Jesus. Com isso, os cristãos desejavam não somente relembrar os feitos de Cristo, mas também torná-los presentes na história.

2 CAMINHO SINODAL COMO ATO PROFÉTICO

Tendo apresentado brevemente alguns traços teológicos dos atos proféticos na Sagrada Escritura, apresentamos agora a sua relação com a sinodalidade da Igreja. Há poucos meses vivemos a etapa diocesana do Sínodo dos Bispos 2021-2023 sobre a sinodalidade da Igreja. Nesta etapa diocesana, todas as dioceses passaram pelo processo de escuta e aprofundamento sobre a identidade sinodal da Igreja. Contudo, apesar da alegria marcada por esta etapa de diálogo, em diversas esferas da estrutura eclesial nota-se que ainda estamos distantes de uma Igreja que escuta e quer caminhar junto com todos. Portanto, buscar uma Igreja sinodal é realizar um verdadeiro ato profético.

Ao longo do seu pontificado, Papa Francisco tem indicado o caminho da sinodalidade como uma autêntica vivência eclesial. A palavra “sínodo” tem origem no grego “*synodos*”, e quer dizer “caminhar juntos”. Segundo Catelan Ferreira:

Sinodalidade é o substantivo abstrato e se compreende a partir do concreto sínodo e do adjetivo sinodal. “Sínodo”, composto pela proposição *syn*, junto, e pelo substantivo *hodós*, caminho, indica, literalmente, um caminho feito em conjunto pelo povo de Deus peregrino. A palavra “caminho”, por sua vez, remete a Cristo, “caminho, verdade e vida” (Jo 14,6), e à condição dos cristãos – os de Cristo, os do caminho (At 9,2; 19,9.23; 22,4; 24,14.22) (FERREIRA, 2018, p. 391).

Sendo assim, sínodo designa uma assembleia da Igreja para trabalharem a favor da evangelização e da unidade eclesial. Todos os batizados pelo sacramento do batismo formam essa assembleia, desse modo são chamados a caminharem juntos. E para isso, é preciso escuta, discernimento e conversão permanente para dialogar, caminhar e evangelizar. Cada batizado, conforme a diversidade de vocações, ministérios e carismas, é chamado a colaborar com a missão da Igreja. A assembleia dos fiéis, que forma o povo de Deus, é uma assembleia sinodal que deve se transformar em uma comunidade de discípulos missionários (Dap 144).

A dimensão sinodal da Igreja oferece luzes nesta etapa de recepção do Concílio Vaticano II. Aproxima-se a comemoração dos sessenta anos de sua realização e faz-se uma oportunidade para aprofundarmos em temas como a comum dignidade de todos os fiéis, o *sensus fidei* e a corresponsabilidade eclesial. Nesse mesmo contexto, Francisco afirma que “cada batizado, seja qual for sua função na Igreja e o grau de instrução de sua fé, é um sujeito ativo de evangelização” e que “seria inadequado pensar em um esquema de evangelização levado à frente por atores qualificados no qual o resto do povo fiel fosse somente receptivo” (EG 119).

A circularidade entre o *sensus fidei* e o sacerdócio comum dos fiéis (todos), o discernimento realizado pelos pastores (alguns) e a autoridade do *protos* (um) é uma característica fundamental da sinodalidade. Essa circularidade honra a comum dignidade e a corresponsabilidade batismal de todos. Ao mesmo tempo, a atuação dos pastores, em comunhão hierárquica. Garante que os processos sinodais se mantenham na obediência a Cristo (FERREIRA, 2018, p. 402).

3 ATO PROFÉTICO DE COMUNHÃO ECLESIAL

Como sinal da presença de Deus no mundo, sacramento de unidade para a salvação de todos os povos, a Igreja deve agir a partir da escuta da Palavra do Senhor e junto do povo a caminho. Como ato profético desta comunhão eclesial, a assembleia sinodal é chamada a viver a partir do modelo dado pelo próprio Jesus que, no ato profético da última ceia, onde inclinou-se diante de cada discípulo para lhes lavar os pés. Como sinal concreto de uma

assembleia que também quer se colocar a serviço de todos, é necessário compreender que no exercício desta comunhão ninguém pode ser posto em destaque ou acima dos outros.

Uma Igreja sinodal representa a superação da desigualdade dentro da própria Igreja. O povo de Deus deve expressar-se pela comunhão e caminhar junto através da escuta e da participação na missão evangelizadora. Como ressalta o Papa Francisco na *Evangelii gaudium*, “uma Igreja sinodal é uma Igreja da escuta, ciente de que escutar é mais do que ouvir” (FRANCISCO, 2015). À vista disso só será possível edificar a Igreja sinodal exercitando a arte da escuta.

Hoje mais do que nunca precisamos de homens e mulheres que conheçam, a partir da sua experiência de acompanhamento, o modo de proceder onde reine a prudência, a capacidade de compreensão, a arte de esperar, a docilidade ao Espírito, para no meio de todos defender as ovelhas a nós confiadas dos lobos que tentam desgarrar o rebanho. Precisamos de nos exercitar na arte de escutar, que é mais do que ouvir. Escutar, na comunicação com o outro, é a capacidade do coração que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual. Escutar ajuda-nos a individuar o gesto e a palavra oportunos que nos desinstalam da cômoda condição de espectadores. Só a partir desta escuta respeitosa e compassiva é que se pode encontrar os caminhos para um crescimento genuíno, despertar o desejo do ideal cristão, o anseio de corresponder plenamente ao amor de Deus e o anelo de desenvolver o melhor de quanto Deus semeou na nossa própria vida (EG 171).

Como as ações simbólicas bíblicas, a sinodalidade como ato profético deve provocar em toda Igreja um caminho de conversão ao Reino de Deus. No Antigo Testamento, os atos proféticos formavam a comunidade à luz da profecia, por meio de sinais visíveis estes atos anunciavam a mensagem salvífica de modo compreensível à assembleia reunida. Os profetas, estavam envolvidos com a palavra que anunciavam, e assumiam na própria vida o significado do que anunciavam. Consequentemente, a palavra anunciada também envolvia toda a assembleia e provocava uma mudança de mentalidade e de comportamento.

Por isso, o caminho da sinodalidade da Igreja é iniciado pela escuta. A consulta sinodal acontece, impulsionada pela ação do Espírito Santo, a partir da escuta do povo de Deus e seus pastores. A Igreja, sinal vivo da presença de Deus no mundo, é chamada a agir e falar a partir da escuta obediente da Palavra do Senhor. Da escuta nasce a comunhão, o povo de Deus, amparado e impulsionado pelo Espírito, recebe a Palavra de Deus e se torna capaz de colocá-la em prática (LG 12). A sinodalidade é o exercício da comunhão, é um caminhar juntos do rebanho de Deus ao encontro com o Cristo. A Igreja sinodal acontece na medida em que cada organismo eclesial permanece vinculado à escuta da palavra e na comunhão inseridos na realidade cotidiana do povo de Deus.

A sinodalidade é adquirida por meio de um processo de prática no qual a Igreja modifica sua forma de evangelizar, de se relacionar com seus fiéis e com a sociedade. Pode também ser concebida como um princípio reorientador dos projetos pastorais da Igreja. (...) Dessa maneira, o plano pastoral da Igreja precisa ser elaborado, levando em conta que a Igreja é a comunhão de vida dos homens com Deus e entre si. A Igreja é uma comunidade. É oportuno ainda destacar que os projetos pastorais da Igreja devem ser construídos na linha da sinodalidade. No contexto da nova eclesiologia do Vaticano II, a sinodalidade aponta para a necessidade da Igreja descobrir novos métodos para realização de seus planos e práticas pastorais em uma cultura que alcançou tantos avanços tecnológicos. Ela desperta para a comunhão, ao reunir em assembleia, valorizando e acolhendo a participação ativa de todos os membros que formam o povo de Deus, com o compromisso e a responsabilidade na realização da missão evangelizadora (APOLINÁRIO, 2021, p. 270).

Neste sentido, a renovação sinodal passa, sem dúvida alguma, pela transformação das mentalidades e dos hábitos adquiridos. O povo de Deus é um povo profético, conduzido pelo Espírito Santo, deve-se superar suas estruturas relacionadas a honras e cargos de poder, para ser um sinal profético de fraternidade e unidade, onde não exista lugar para as barreiras de raça, sexo, língua, condição social etc. Como afirma São João Crisóstomo, “a Igreja foi estabelecida, não para dividir aqueles que a ela se acolhem, mas para unir a si os que estão divididos, e é isto que significa a assembleia” (JOÃO CRISÓSTOMO, 2003). Neste sentido, o Documento de Aparecida enfatiza a necessidade de promover o protagonismo dos leigos, em especial das mulheres. (DAp 458.)

A Igreja, vivida por meio da corresponsabilidade de todos, deve impulsionar uma organização pastoral, que promova o protagonismo de todos os cristãos sem distinção. Por isso, os processos de tomada de decisões relativas à pastoral devem contemplar a participação de todos. Viver a sinodalidade dentro da Igreja implica em primeiro lugar na renovação da compreensão no desempenho dos encargos e ministérios, a partir da escuta e da comunhão.

Como comunhão (*communio*) que se origina do mistério da Trindade, a Igreja se manifesta e se realiza quando se reúne como “Povo de Deus” que caminha junto. Poderíamos assim afirmar que a sinodalidade é a forma através da qual a vocação original e a missão intrínseca da Igreja se desdobram ao longo da história. A Igreja tem como tarefa reunir todos os povos da Terra, de todos os tempos e épocas, para que participem da salvação de Cristo e de sua alegria. A Igreja se encontra num caminho de transformação cultural e institucional (CZERNY, 2022, p. 83).

Contudo, distante da sinodalidade, a Igreja corre o risco de isolada ser incapaz de promover a unidade e de encontrar os caminhos de superação, em direção de uma comunhão maior que consiga reunir o povo de Deus. Desse modo, o aprofundamento da práxis sinodal conduzirá a Igreja para uma nova configuração: de forma ativa, atenta à experiência real, seja uma experiência real com o Cristo ressuscitado.

Sendo assim, este caminho de renovação eclesial permite transformar a estrutura da Igreja a favor de uma opção missionária que favoreça uma evangelização mais eficaz na atualidade. A Igreja, como uma comunidade profética, toma “a consciência de que a Igreja é inseparável de sua situação no mundo e deve estar sempre de portas abertas para exercer o serviço da escuta e do diálogo a todos que baterem” (CTI, 28).

CONCLUSÃO

Este texto apresentou a caminhada sinodal da Igreja à luz dos atos proféticos dos profetas de Israel e de Jesus. As ações simbólicas descritas na Escritura revelavam a Palavra de Deus ao povo eleito a fim de anunciar a salvação, transformando o coração do povo e formando uma nova comunidade. A conversão pastoral tão necessária para a Igreja nos dias de hoje passa pela conversão pessoal em uma busca honesta pelo reino de Deus.

Para que a Igreja continue sua missão pelo Reino de Deus, a caminhada sinodal, a partir da escuta da Palavra e comunhão com Deus, permite novas possibilidades no processo de integração do povo de Deus favorecendo que a Igreja seja verdadeiramente um local de comunhão e corresponsabilidade nas práticas pastorais. Compreender a sinodalidade como ato profético é reconhecer que o “caminhar juntos” é um sinal profético que desperta a vida em comunhão, valorizando a participação ativa de todos os membros do povo de Deus e o compromisso na realização da missão evangelizadora da Igreja.

REFERÊNCIAS

APOLINÁRIO, Evaldo. Sinodalidade, caminho de comunhão nas práticas pastorais. *Annales FAJE*, Belo Horizonte, v.6, n.1, p. 263-272, 2021. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/annales/article/view/4842/4682>. Acesso em 15 abr 2022.

COLLINS, John. Isaías. In: BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert (Orgs). *Comentário bíblico*. São Paulo: Loyola, 2008, p. 11-44. v. II.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja*. Brasília: Edições CNBB, 2018.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja. In: KLOPPENBURG, Boaventura. *Compêndio do Vaticano II*. Constituições, decretos e declarações. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 39-120.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus/Paulinas, 2011.

CZERNY, Michael. Uma igreja que “caminha junto”. Sinodalidade na era do Papa Francisco. In *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 54, n. 1, p. 67-88, Jan./Abr. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pteo/a/bzWwS6HHQ5y9JGFfDvr3RvN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jun 2022.

ESPINEL, Juan. La cena del Señor. *Acción profética*. Madrid: PPC Edicabi, 1976.

FERREIRA, Antonio Luis Catelan. A Sinodalidade Eclesial no Magistério do Papa Francisco. In *Atualidade Teológica*, v. 22, n. 59, p. 390-404, mai./ago. 2018.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Brasília: Edições CNBB, 2013.

FRANCISCO. *Comemoração do cinquentenário da instituição do sínodo dos bispos*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco.20151017_50-anniversario-sinodo.html. Acesso em: 20 abr 2022.

JOÃO CRISÓSTOMO. Homilias sobre a Primeira Carta aos Coríntios. In: CORDEIRO, J. L. (Org.). *Antologia litúrgica*. Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p. 744-746.

MCKENZIE, Jon. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 2017.

MIRANDA, Mário de França. Igreja Local. In *Atualidade Teológica*. n. 34, p. 40-58, jan./abr. 2010. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/17671/17671.PDFXXvmi=>>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

RENGSTORF, Karl. Semeion. In: KITTEL, Gerhard; FRIEDRICH, Gerhard. (Orgs.). *Grande lessico del Nuevo Testamento*. Brescia: Paideia, 1979, p. 18-192. v. 12.

SCHILLEBEECKX, Edward. *Cristo, sacramento do encontro com Deus*. Petrópolis: Vozes, 1968.

SCHÖKEL, Luis Alonso; SICRE DIAZ, José Luis. *Profetas*. São Paulo: Paulinas, 1988. v. I

VON RAD, Gerhard. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: ASTE; Targumim, 2006.